

Revista Cristã

Última Chamada

Junho de 2012 - Periodicidade: Mensal

**A Bíblia ensina que
tudo o que há no**

**Universo será
queimado?**

Revista Cristã Última Chamada

Junho de 2012 - Periodicidade: mensal

NESTE NÚMERO

- | | |
|--|--|
| <p>3 Capa
A Bíblia ensina que tudo o que há no Universo será queimado?</p> <p>10 Fim dos Tempos
Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão?</p> | <p>12 Apocalipse
Vendo o Filho do Homem</p> <p>14 Reflexão
Reflexão Escatológica</p> |
|--|--|

Nosso Objetivo

A **Revista Cristã Última Chamada** é uma obra cristã interdenominacional que propaga e defende a fé em Cristo. Nosso objetivo é informar, capacitar e ensinar às pessoas a respeito de toda verdade sobre Cristo através de literaturas totalmente gratuitas.

Expediente

Periódico **Revista Cristã Última Chamada**, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no **Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908**.

Autor e Editor Responsável: César Francisco Raymundo. Nasceu em 2 de maio de 1.976. É apenas mais um em Cristo Jesus.

Design e editoração eletrônica: César F. R.

Direitos de reprodução dos textos: Os textos do site podem ser reproduzidos ou publicados livremente, desde que seja citada a fonte (endereço, link para a home page), que o conteúdo não seja modificado e que sejamos informados a respeito. Em caso de publicações impressas, envie-nos um exemplar.

A maioria de nossas publicações são assinadas e produzidas por vários teólogos renomados. Também estão na sua maioria em formato PDF (Programa Adobe Acrobat Reader).

Contato por E-mail:
ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org



Imagem do Universo

A Bíblia ensina que tudo o que há no Universo será queimado?

Introdução de César Francisco Raymundo

“Porém o Dia do Senhor chegará como um ladrão. Naquele dia os céus vão desaparecer com um barulho espantoso, e tudo o que há no Universo será queimado. A terra e tudo o que existe nela vão sumir”.

(2ª Pedro 3.10 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

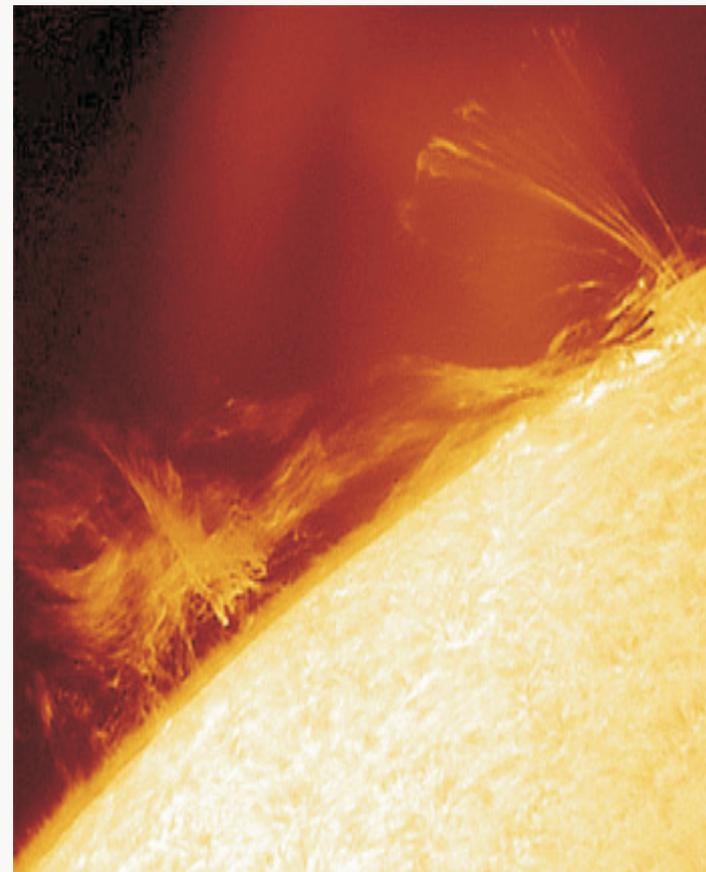
Muitas pessoas quando lêem este texto pensam que Pedro está se referindo a destruição literal do Universo. Alguns afirmam que Pedro está falando sobre a fissão nuclear que - segundo eles - irá ocorrer em todo o mundo quando Jesus voltar. Realmente Pedro quis transmitir isto? Vejamos detalhes importantes sobre este texto de 2ª Pedro no artigo à seguir.

Aguardando Novos Céus e Nova Terra: Um Estudo de 2ª Pedro 3

Por David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

De acordo com a segunda epístola de S. Pedro, Cristo e os apóstolos tinham advertido que a apostasia aumentaria perto do fim dos “últimos dias” (2Pe. 3:2-4; cf. Judas 17-19) – o período de quarenta anos entre a ascensão de Cristo e a destruição do Templo do Antigo Pacto em 70 d.C. Ele deixa claro que esses “escarnecedores” dos



últimos dias eram apóstatas do Pacto: familiares com a história e profecia do Antigo Testamento, eles eram judeus que tinham abandonado o Pacto Abraâmico rejeitando a Cristo. Como Jesus tinha repetidamente advertido (cf. Mt. 12:38-45; 16:1-4; 23:29-39), sobre aquela geração má e perversa viria o grande “Dia de Juízo” predito nos profetas, uma “destruição dos homens ímpios” como aquela sofrida pelos ímpios dos dias de Noé (2Pe. 3:5-7). Durante todo o Seu ministério Jesus traçou essa analogia (ver Mt. 24:37-39 e Lucas 17:26-27). Assim como Deus destruiu o “mundo” da era antediluviana com o Dilúvio, dessa forma o “mundo” de Israel do primeiro século foi destruído pelo fogo na queda de Jerusalém.

S. Pedro descreve esse julgamento como a destruição dos “céus e a terra que agora existem” (v. 7), abrindo caminho para “novos céus e nova terra” (v. 13). Por causa do que pode ser chamada a terminologia do “universo em colapso” usada nessa passagem, muitos têm equivocadamente assumido que S. Pedro está falando do final do céu e terra físicos, e não a dissolução da ordem mundial do Antigo Pacto. O grande teólogo puritano do século dezessete, John Owen, respondeu a essa visão referindo-se ao uso metafórico característico na Bíblia dos termos céus e terra, como na descrição de Isaías do Pacto Mosaico:

Porque eu sou o SENHOR teu Deus, que agito o mar, de modo que bramem as suas ondas. O SENHOR dos Exércitos é o seu nome. E ponho as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a sombra da minha mão; para plantar os céus, e para fundar a terra, e para dizer a Sião: Tu és o meu povo. (Is. 51:15-16)

John Owen escreve:

O tempo quando a obra aqui mencionada, de plantar os céus, e lançar o fundamento da terra, realizado por Deus, foi quando ele “dividiu o mar” (v. 15), e deu a lei (v. 16), e disse a Sião, “Tu és o meu povo” – isto é, quando ele tirou os filhos de Israel do Egito, e formou-os no deserto numa igreja e estado. Então ele plantou os céus, e lançou o fundamento da terra – fez o novo mundo; isto é, trouxe ordem, governo e beleza, a partir da confusão diante da qual eles estavam antes. Esse é o plantio dos céus, e o lançar do fundamento da terra no mundo. Portanto, quando menção é feita da destruição de um estado e governo, é nessa linguagem que parece apresentar o fim do mundo.

Assim acontece com Isaías 34:4; que nada é senão a destruição do estado de Edom. O mesmo também é dito sobre o império romano, Apocalipse 6:14; que os judeus constantemente afirmam ser o significado de Edom nos profetas. E na predição da destruição de Jerusalém, feita por Cristo nosso Salvador, em Mateus 24, ele faz uso

de expressões da mesma importância. É evidente então, que, no idioma profético e maneira de expressão, por “céus” e “terra”, o estado civil e religioso e a combinação de homens no mundo, e os homens deles, são freqüentemente entendidos. Assim, foram os céus e a terra que foram destruídos pelo dilúvio.

Outro texto do Antigo Testamento, entre muitos que poderiam ser mencionados, é Jeremias 4:23-31, que fala da queda iminente de Jerusalém (587 b.C.) na linguagem similar de de-criação:

Observei a terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus, e não tinham a sua luz... Porque assim diz o SENHOR: Toda esta terra será assolada [referindo-se à maldição de Lv. 26:31-33; veja seu cumprimento em Mt. 24:15!]; de todo, porém, a não consumirei. Por isso, lamentará a terra, e os céus em cima se enegrecerão... (RC)

Desde o princípio, o pacto de Deus com Israel foi expresso em termos de uma nova criação: Moisés descreveu a salvação de Israel no deserto em termos do Espírito de Deus pairando sobre uma superfície, assim como na criação original do céu e terra (Dt. 32:10-11; cf. Gn. 1:2). Em Êxodo, como na criação original, Deus dividiu a luz das trevas (Ex. 14:20), dividiu as águas das águas para produzir terra seca (Ex. 14:21-22), e plantou Seu povo em Seu santo monte (Ex. 15:17). A formação miraculosa de Israel por Deus foi assim uma imagem da Criação, uma recapitulação redentiva da formação do céu e da

terra. A ordem do Antigo Pacto, na qual o mundo inteiro foi organizado ao redor do santuário central do Templo de Jerusalém, poderia de forma muito apropriada ser descrita, antes de sua dissolução final, como “os céus e a terra que agora existem”. John Brown, um expositor bíblico do século dezenove, escreveu o seguinte: “Uma pessoa familiarizada com a fraseologia do Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica, e o estabelecimento da cristã, é freqüentemente mencionado como a remoção dos velhos céus e terra, e a criação de novos céu e nova terra... O período do fechamento de uma dispensação, e o começo da outra, é descrito como 'os últimos dias' e 'o fim do mundo'; e fala-se dele como um sacudir da terra e céus, devendo como tal levar à remoção das coisas que estavam sendo sacudidas (Ageu 2:6; Hb. 12:26-27).”

O período do fechamento de uma dispensação, e o começo da outra, é descrito como 'os últimos dias' e 'o fim do mundo'; e fala-se dele como um sacudir da terra e céus, devendo como tal levar à remoção das coisas que estavam sendo sacudidas (Ageu 2:6; Hb. 12:26-27).

Portanto, diz Owen, “sobre esse fundamento afirmo que os céus e a terra aqui tencionados nesta profecia de Pedro, a vinda do Senhor, o dia do juízo e a perdição dos homens ímpios, mencionados na destruição desse céu e terra, fazem tudo isso se relacionar, não ao julgamento último e final do mundo, mas à total desolação e destruição que estava para ser feita da igreja e estado judaico” – i.e., a Queda de Jerusalém em 70 d.C.

Essa interpretação é confirmada pela informação adicional de S. Pedro: neste iminente “Dia do Senhor” que estava para vir sobre o mundo do primeiro século “como um ladrão” (cf. Mt. 24:42-43; 1Ts. 5:2; Ap. 3:3), “os elementos, ardendo, se desfarão” (v. 10; cf. v. 12). Quais são esses elementos? Os assim chamados “literalistas” assumem superficial e descuidadamente que o apóstolo está falando sobre física, usando o termo para significar átomos (ou talvez partículas subatômicas), os componentes físicos reais do universo. O que esses “literalistas” falham em reconhecer é que embora a palavra elementos (stoicheia) seja usada várias vezes no Novo Testamento, ela nunca é usada em conexão com o universo físico! (Nesse respeito, os próprios comentários equivocados da New Geneva Study Bible sobre essa passagem violam seu próprio ditado interpretativo que “a Escritura interpreta a Escritura”. Para possíveis significados desse termo é citado filósofos e astrólogos pagãos gregos – mas nunca o uso do termo pela própria Bíblia!)

O Theological Dictionary of New Testament Words de Kittel observa que embora na literatura pagã a palavra seja usada de diferentes formas (referindo-se aos “quatro elementos” do mundo físico, ou para as “notas” sobre uma escala musical, ou aos “princípios” da geometria ou lógica), os escritores do Novo Testamento usam o termo “de uma nova forma, descrevendo os stoicheia como fracos e pobres. Num sentido transferido, os stoicheia são as coisas sobre as quais a existência pré-cristã descansa, especialmente na religião pré-cristã. Essas coisas

são impotentes; elas trazem escravidão ao invés de liberdade.”

Por todo o Novo Testamento, a palavra “elementos” (stoicheia) sempre é usada em conexão com a ordem do Antigo Pacto. S. Paulo usou o termo em sua repreensão cortante aos cristãos gálatas que estavam tentados a abandonar a liberdade do Novo Pacto por um legalismo ao estilo do Antigo Pacto.

Descrevendo os rituais e cerimônias do Antigo Pacto, ele diz que “assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos (stoicheia) do mundo... Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos (stoicheia) fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos...” (Gl. 4:3, 9-10).

Ele adverte aos colossenses: “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos (stoicheia) do mundo, e não segundo Cristo... Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos (stoicheia) do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: Não toques, não proves, não manuseies?” (Cl. 2:8, 20-21).

O escritor aos hebreus reprovou-os: “Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos (stoicheia) das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento” (Hb. 5:12). No contexto, o escritor aos hebreus está falando claramente das verdades do Antigo Pacto – particularmente visto que ele conecta isso com o termo oráculos de Deus, uma expressão usada em outro lugar no Novo Testamento para a revelação provisional do Antigo Pacto (ver Atos 7:38; Rm. 3:2). Essas citações de Gálatas, Colossenses e Hebreus abrangem todas as outras ocorrências no Novo Testamento daquela palavra “elementos” (stoicheia). Nenhuma se refere aos “elementos” do mundo ou universo físico; todas estão falando dos “elementos” do sistema do Antigo Pacto, que, como os apóstolos escreveram um

Os assim chamados “literalistas” assumem superficial e descuidadamente que o apóstolo está falando sobre física, usando o termo para significar átomos (ou talvez partículas subatômicas), os componentes físicos reais do universo. O que esses “literalistas” falham em reconhecer é que embora a palavra elementos (stoicheia) seja usada várias vezes no Novo Testamento, ela nunca é usada em conexão com o universo físico!

pouco antes da destruição do Templo do Antigo Pacto em 70 d.C., foi tornado velho, e se envelheceu e perto estava de acabar (Hb. 8:13). E S. Pedro usa o mesmo termo exatamente da mesma forma. Por todo o Novo Testamento grego, a palavra elementos (stoicheia) sempre significa ética, não física; os “elementos” fundacionais de um sistema religioso que estava condenado a desaparecer num julgamento de fogo.

De fato, S. Pedro foi muito específico sobre o fato que ele não estava se referindo a um evento milhares de anos no futuro, mas a algo que já estava acontecendo: Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos (stoicheia), ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Portanto, visto que todas estas coisas estão sendo dissolvidas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos (stoicheia) estão sendo fundidos com grande calor? (2Pe. 3:10-12, versão do autor)

Contrário às traduções enganosas de tradutores cegos pelas suas pressuposições, S. Pedro insiste que a dissolução dos “céus e a terra que agora existem” – o sistema do Antigo Pacto com seus rituais obrigatórios e sacrifícios de sangue – já estava começando a ocorrer: o “universo” do Antigo

Pacto estava desmoronando, para nunca mais ser revivido:

Quando o profeta e a visão cessaram de Israel? Não foi quando Cristo veio, o Santo dos santos? De fato, isso é um sinal e prova notável da vinda da Palavra que Jerusalém não mais permaneceu, nem profeta foi levantado, nem visão revelada entre eles. E é natural que assim deveria ser, pois quando Aquele que foi anunciado chegou, que necessidade haveria de algo mais anunciá-lo? E quando a Verdade chegou, que necessidade adicional haveria para a sombra?... E o reino de Jerusalém cessou ao mesmo tempo, reis foram ungidos entre eles até que o Santo dos santos foi ungido.

A mensagem de S. Pedro, John Owen argumenta, é que “os céus e a terra que o próprio Deus plantou – o sol, lua e estrelas da política e igreja judaica – todo o mundo antigo de adoração e adoradores, que

permanecem em sua obstinação contra o Senhor Cristo – serão perceptivelmente dissolvidos e destruídos.”

Owen oferece duas razões adicionais (“das muitas que poderiam ser tiradas do texto”, ele diz) para adotar a interpretação de 2 Pedro 3 como se referindo a 70 d.C. Primeiro, ele observa, “tudo o que aqui é mencionado tinha sua influência particular sobre os homens daquela geração.” Esse é um ponto crucial, que deve ser claramente reconhecido em qualquer avaliação honesta do significado do apóstolo. S. Pedro está especialmente preocupado que seus leitores do primeiro século lembrem-se das advertências apostólicas sobre “os últimos dias” (v. 2-3; cf. 1 Tm. 4:1-6; 2 Tm. 3:1-9). Durante esses tempos, os escarnecedores judeus dos seus dias, claramente familiares com as profecias bíblicas de julgamento, estavam recusando prestar atenção àquelas advertências (v. 3-5). Ele exorta seus leitores a viver vidas santas à luz desse julgamento iminente (v. 11, 14); e é esses cristãos primitivos que são repetidamente mencionados como ativamente “aguardando e apressando” o julgamento (v. 12, 13, 14). É precisamente a proximidade da conflagração que S. Pedro cita como um motivo para diligência no viver piedoso! ▶



Destruição do Templo de Jerusalém ano 70 d.C.

Uma objeção óbvia a tal exposição é referir-se ao que é provavelmente o texto mais bem conhecido e mais mal interpretado na breve epístola de S. Pedro: “Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia” (2Pe. 3:8). Isso significa, é dito, que “a aritmética de Deus é diferente da nossa”, de forma que quando a Escritura usa termos como “próximo” e “brevemente” (e.g., Ap. 1:1-3) ou “às portas” (e.g., Tiago 5:5-7), isso não pretende dar a impressão de eventos iminentes, mas de eventos possivelmente milhares de anos no futuro! Milton Terry refuta essa teoria aparentemente plausível, porém espúria:

A linguagem é uma citação poética do Salmo 90:4, e é aduzida para mostrar que o lapso de tempo não invalida as promessas de Deus... Mas isso é muito diferente de dizer que quando o Deus eterno promete algo brevemente, e declara que tal coisa está às portas, ele pode querer dizer que seja uns mil anos no futuro. Seja o que for que ele tenha prometido indefinidamente pode levar mil anos ou mais para se cumprir; mas o que ele afirma estar próximo, que nenhum homem afirme estar longe.

J. Stuart Russell escreveu com desdém sarcástico:

Poucas passagens têm sofrido interpretações mais errôneas que esta, a qual as pessoas fazem com que fale uma linguagem inconsistente com seu propósito óbvio, e até incompatível com uma consideração estrita à veracidade.

Há aqui provavelmente uma alusão às palavras do Salmista, nas quais ele contrasta a brevidade da vida humana com a eternidade da existência divina...

Mas sem dúvida seria absurdo considerar essa imagem poética sublime como um cálculo para a medida divina do tempo, ou como licença para desconsiderar totalmente as definições de tempo nas predições e promessas de Deus. Todavia, não é incomum que sejam citadas essas palavras como um argumento ou escusa para desconsiderar totalmente o elemento tempo nos escritos proféticos. Mesmo nos casos em que certo tempo é especificado na predição, ou onde limitações tais como “em breve”, “prontamente” ou “próximo” são expressas, apela-se à passagem que temos diante de nós para justificar um tratamento arbitrário de tais notas de tempo, de modo que em breve pode significar tarde, próximo pode significar distante, curto pode significar longo, e vice-versa... ▶



Comércio de Sucatas



A RV Comercio de Sucatas é uma empresa nacional já alguns anos atuando nesse ramo, especializada na reciclagem de materiais, mais precisamente, na preparação e comercialização de sucatas ferrosas e não ferrosas para fins siderurgicos e de fundições.

Ocupa, em Porto Belo no estado de Santa Catarina, um grande depósito onde abriga toda sorte de materiais recicláveis.

Seu principal objetivo é ser uma empresa que protege o meio ambiente através da reciclagem de materiais ferrosos e não ferrosos.

Compramos: Antimônio, Alumínio perfil, Alumínio bloco, Bateria, Cobre queimado, Cobre mel,

Cobre com capa, Ferro velho, Garrafas Pet, Garrafão de Vinho vazio, Inox, Latinhass, Metal, Papelão. Estes e toda sorte de materiais ferrosos e não ferrosos para reciclagem em geral.

www.rvsucatas.com

Certamente é desnecessário repudiar de maneira mais enérgica um método tão antinatural de interpretar a linguagem da Escritura. É pior que algo anti-gramatical e irracional, pois é imoral. É sugerir que Deus tem dois pesos e medidas em Seus tratos com os homens, e que em Seu modo de calcular, há uma ambigüidade e variedade que sempre tornará impossível dizer 'que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo nos profetas indicava' [cf. 1Pe. 1:11]...

A própria Escritura, contudo, não apóia esse método de interpretação. Fidelidade é um dos atributos mais freqüentemente atribuídos ao 'Deus que guarda o pacto', e a fidelidade divina é o que apóstolo afirma nessa mesma passagem... O apóstolo não diz que quando o Senhor promete uma coisa para hoje, pode ser que Ele não cumpra a Sua promessa por mil anos; isso seria negligência; isso seria violação de uma promessa. Ele não diz que, porque Deus é infinito e eterno, portanto Ele calcula com uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco num duplo sentido, ou usa pesos e medidas diferentes em Seus tratos com a humanidade. O exato oposto é a verdade...

É evidente que o propósito do apóstolo nessa passagem é dar a seus leitores a mais forte segurança que a catástrofe iminente dos últimos dias estava mui próxima de cumprir-se. A veracidade e fidelidade de Deus eram a garantia do cumprimento pontual da promessa. Ter indicado que o tempo era uma variável na promessa de Deus teria equivalido a ridicularizar seu argumento e neutralizar seu próprio ensino, que era que “o Senhor não retarda a sua promessa”.

Continuando sua análise, John Owen cita o versículo 13: “Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça”. Owen pergunta: “Que promessa? Onde podemos encontrá-la?”. Boa pergunta! Você sabe a resposta? Onde no Antigo Testamento Deus promete um novo céu e nova terra? Incidentalmente, isso levanta uma questão mais ampla e fascinante: Quando o Novo Testamento cita ou menciona um texto do Antigo Testamento, é freqüentemente uma boa idéia conseguir a citação original, verificar o que significa em seu contexto original, e então ver o “giro” que o escritor do Novo Testamento coloca sobre ela. (Por exemplo, a profecia de Isaías do projeto da construção de uma estrada gigantesca [Isaías 40:3-5] não é interpretada literalmente no Novo Testamento, mas metaforicamente,

significando o ministério de pregação de João o Batista [Lucas 3:4-6]. E a profecia de Isaías de uma “era dourada” quando o lobo habitará em paz com o cordeiro [Is. 11:1-10] é condensada e citada por S. Paulo como um cumprimento presente, na era da Nova Aliança [Rm. 15:12]!) Mas John Owen, esse erudito Puritano, conhecia sua Bíblia melhor que a maioria de nós, e nos diz exatamente onde o Antigo Testamento prediz “novos céus e nova terra”.

Que promessa? Onde podemos encontrá-la? Temos tal promessa, com as mesmas palavras, em Isaías 65:17. Quando Deus criará esses “novos céus e nova terra, onde habitam a justiça”? Disse Pedro: será após a vinda do Senhor, após aquela justiça e destruição dos ímpios, que não obedecem ao evangelho. Mas agora é evidente, a partir desse lugar de Isaías, com o capítulo 66:21-22, que essa é uma profecia dos tempos do evangelho somente; e que o criar desses novos céus e nova terra é nada mais que a criação das ordenanças do evangelho, que permanecerão para sempre. A mesma coisa é assim expressa em Hebreus 12:26-28.

Owen está certíssimo, fazendo a pergunta que tantos expositores falham em fazer: Onde Deus prometeu trazer “novos céus e nova terra?” A resposta, como Owen declara corretamente, está somente em Isaías 65 e 66 – passagens que profetizam claramente o período do Evangelho, trazido pela obra de Cristo. De acordo com o próprio Isaías, essa “Nova Criação” não pode ser o estado eterno, visto que contém nascimento e morte, construção e plantação (65:20-23). Os “novos céus e nova terra” prometidos à Igreja compreendem a era do Novo Pacto – o triunfo do Evangelho, quando toda a humanidade se prostrará diante do Senhor (66:22-23). John Bray escreve:

“Essa passagem é uma grande descrição da era do

A própria Escritura, contudo, não apóia esse método de interpretação. Fidelidade é um dos atributos mais freqüentemente atribuídos ao 'Deus que guarda o pacto', e a fidelidade divina é o que apóstolo afirma nessa mesma passagem... O apóstolo não diz que quando o Senhor promete uma coisa para hoje, pode ser que Ele não cumpra a Sua promessa por mil anos; isso seria negligência; isso seria violação de uma promessa. Ele não diz que, porque Deus é infinito e eterno, portanto Ele calcula com uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco num duplo sentido, ou usa pesos e medidas diferentes em Seus tratos com a humanidade. O exato oposto é a verdade...

Evangelho após Cristo ter vindo em julgamento no ano 70 d.C., retirando os velhos céus e a velha terra. Agora temos os novos céus e a nova terra da era do evangelho”. O encorajamento de S. Pedro à Igreja dos seus era para ser paciente, esperar o julgamento de Deus para destruir aqueles que estavam perseguindo a fé e impedindo o seu progresso. “Já está próximo o fim de todas as coisas”, ele tinha escrito anteriormente (1Pe. 4:7). John Brown comentou:

“O fim de todas as coisas” aqui é o fim completo da economia judaica na destruição do templo e cidade de Jerusalém, e a dispersão do povo santo. Isso estava perto; pois essa epístola parece ter sido escrita um pouco antes desses eventos acontecer... Está bem claro que nas predições do nosso Senhor, as expressões “o fim” e provavelmente “o fim do mundo” são usadas em referência à dissolução completa da economia judaica (cf. Mt. 24:3, 6, 14, 34; Rm. 13:11–12; Tiago 5:8–9).

Uma vez que o Senhor veio para destruir o andaime da estrutura do Velho Pacto, o Templo do Novo Pacto seria deixado em seu lugar, e a marcha vitoriosa da Igreja seria impossível de ser detida. De acordo com o desígnio predestinador de Deus, o mundo será convertido; os tesouros da terra serão trazidos para a Cidade de Deus, à medida que Mandato do Paraíso (Gn. 1:27-28; Mt. 28:18-20) for consumado (Ap. 21:1-27).

Esse é o motivo dos apóstolos afirmarem constantemente que a era da consumação já tinha sido introduzida pela ressurreição e ascensão de Cristo, que derramou o Espírito Santo. S. Paulo, escrevendo sobre os redimidos, diz que “se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2Co. 5:17). S. João, registrando sua visão da cultura redimida, diz a mesma coisa: “E vi um novo céu, e uma nova terra... porque já as primeiras coisas são passadas.... Eis que faço novas todas as coisas” (Ap. 21:1-5). O escritor aos Hebreus conforta seus leitores do primeiro século com a certeza que eles já chegaram “à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial” (Hb. 12:22; cf. Gl. 26–28; Ap. 21). Enquanto os velhos céus e a velha terra estavam sendo abalados e destruídos, os cristãos primitivos estavam “recebendo um reino que não pode ser abalado”, o reino eterno de Deus, trazido por Seu Filho (Hb. 12:26-28). Milton Terry escreveu:

A linguagem de 2 Pedro 3:10-12 é tomada

principalmente de Isaías 34:4, e é limitada à parousia, como a linguagem de Mateus 24:29. Então o Senhor fez “não somente a terra, mas também o céu” tremer (Hb. 12:26), e removeu as coisas que foram abaladas, a fim de estabelecer um reino que não pode ser movido.

É crucial observar que o apóstolo aponta continuamente a atenção dos seus leitores, não para eventos que aconteceriam milhares de anos no futuro, mas para eventos que já tinham começado a ocorrer. De outra forma, suas palavras finais não fariam sentido algum: “Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz... Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que... descaiais da vossa firmeza” (2Pe. 3:14-17). Se essas coisas referem-se a um holocausto termonuclear do século 21, por que o apóstolo inspirado dirige tal exortação séria contra “descair da firmeza” a milhares de leitores que nunca viveriam para ver as coisas preditas por ele? Uma regra cardinal da interpretação bíblica é que a Escritura deve interpretar a Escritura; e, particularmente, que o Novo Testamento é o comentário inspirado de Deus sobre o significado do Antigo Testamento.

Uma vez que a era velha tinha acabado, S. Pedro declarou, a Era de Cristo seria plenamente estabelecida, uma era “na qual habita a justiça” (2Pe. 3:13). A característica distinta da nova era, em contraste absoluto com o que a precede, seria a justiça – justiça crescente, à medida que o Evangelho saia em sua missão às nações. Tem havido muitas batalhas por toda a história da Igreja, sem dúvida, e muitas batalhas à frente. Mas esses não devem nos cegar para o progresso mui real que o Evangelho fez e continua a fazer no mudo. A Nova Ordem Mundial do Senhor Jesus Cristo chegou; e, segundo a promessa de Deus, o conhecimento salvífico dEle encherá a terra, como as águas cobrem o mar (Is. 11:9). ●

Mais informações:

Artigo: Aguardando Novos Céus e Nova Terra: Um Estudo de 2ª Pedro 3. Escrito por David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Todas às referências das citações deste artigo podem ser encontradas no artigo original no site: www.monergismo.com

Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão?

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Uma batalha está acontecendo entre os Southern Baptists [Batistas do Sul] e os evangélicos em geral sobre a hipótese do aquecimento global. A batalha real é entre aqueles que defendem a administração dos recursos e aqueles que exigem que o governo controle o nosso comportamento, na crença que o aquecimento global é produto do homem, e não parte dos ciclos climáticos.

Por exemplo, até aqui, 2008 não está se tornando um bom ano para as certezas do aquecimento global, especialmente com registros de neve em várias cidades. Ontem² nevou até mesmo na área de Atlanta (USA).

Uma nova mudança no debate é que alguns vêm a mudança climática real como parte de um cenário profético dos finais dos tempos. Jonathan Merrit, que causou uma grande confusão com a sua declaração, escreve que “um pastor Batista do Sul disse que os problemas ambientais são apenas 'sinais do fim dos tempos e do julgamento de Deus', e deveríamos abraçá-los.”

Quão prevalente é a crença entre os evangélicos que os relatos das “mudanças climáticas” estão ligados com a aproximação do “fim dos tempos”?

Em *Personal Faith, Public Policy* [Fé Pessoal, Política Pública] (2008), os autores Harry R. Jackson e Tony Perkins dão uma boa explicação da administração bíblica baseada nas ordenanças da criação (209-210). Eles então se complicam teologicamente ao afirmar que embora Jesus “não mencione o aquecimento global diretamente, ele nos ajuda talvez a entender o papel que a mudanças nos nossos padrões climáticos pode desempenhar nos dias que preparam o caminho para a Sua vinda” (210). Eles então apelam a Lucas 21:7-12 para apoiar onde eles “crêem ser possível que Jesus esteja se referindo a mudanças climáticas dramáticas e nacionais”, que “poderiam estar relacionadas com



as fomes e pestes que Ele disse que viriam” (211). “É possível”, eles escrevem, “que os sinais do fim dos tempos que Jesus menciona sejam parte da advertência de Deus ao mundo quanto ao Seu retorno iminente” (211). Após listar tudo desde “aumento de perturbações civis” (Lucas 21:9) a “eventos astronômicos incomuns” (21:11), Jackson e Perkins perguntam: “Você observou que aquilo que Jesus advertiu que ocorreria nos últimos dias é idêntico ao que alguns teóricos do aquecimento global estão dizendo que acontecerá?” (211). Nenhuma discussão é feita sobre o fato que todas essas passagens aparecem antes de Jesus dizer, “em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça” (21:32). Todos esses “sinais” referem-se a eventos que levaram e incluíram a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Não há outro significado que possa ser dado a “esta geração”. Não é um tipo da geração que não passará; é “esta” geração não passará. O “esta” geração era “aquela” geração. ▶

Todos esses “sinais” referem-se a eventos que levaram e incluíram a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Não há outro significado que possa ser dado a “esta geração”. Não é um tipo da geração que não passará; é “esta” geração não passará. O “esta” geração era “aquela” geração.

Em Mateus 24:7 Jesus também falou de terremotos que seguiriam a queda de Jerusalém. Atos registra que foi “um grande terremoto” que moveu “os alicerces do cárcere” (Atos 16:26). De acordo com relatos históricos, essa não foi uma ocorrência rara para aquele tempo. Antes, um número incrível de terremotos aconteceu por todo o Império Romano no período antes do ano 70 d.C. Josefo escreve que os terremotos eram calamidades comuns, e descreve um terremoto na Judéia de tal magnitude “que a constituição do universo foi desconcertada para a destruição dos homens”.

Grande atenção tem sido focada sobre o número de furacões que atingiram os Estados Unidos em 2005 e o tsunami que golpeou a Ásia em 2004. Muitos crêm que esses são sinais do fim, com base no relato de Lucas do sermão no Monte das Oliveiras, onde ele escreve sobre a “perplexidade pelo bramido do mar e das ondas” (21:25). O fundo do Mar Mediterrâneo está cheio de navios que quebraram e afundaram por causa de tempestades.

Lemos sobre um desses incidentes em Atos 27. A tempestade é descrita como um “Euro-aquilão”, isto é, “um vento nordeste”

(27:14). Lucas escreve que eles não viram o sol ou as estrelas “por muitos dias” (27:20). O navio finalmente escalhou onde ele foi “quebrado com a força das ondas” (27:41).

O historiador romano Tácito descreve uma série de eventos similares no ano 65 d.C.: Os deuses também marcaram com tempestades e doenças um ano vergonhoso por tantos crimes. Campanha foi devastada por um furacão... a fúria do qual se estendeu à vizinha da cidade, na qual uma pestilência violenta estava matando cada classe de seres humanos... casas ficavam cheias de corpos mortos, as ruas de funerais.

Os desastres naturais descritos por Mateus,

Marcos e Lucas, comuns a todas as eras, apontavam especificamente para a vinda de Jesus em juízo sobre Jerusalém, antes daquela geração do primeiro século passar. Quando o templo foi destruído no ano 70 d.C., esses eventos deixaram de ser sinais proféticos. Cuidado pelo meio-ambiente é baseado sobre o Mandamento 28: o Mandamento de Domínio de Gênesis 1:28 e o Mandamento da Grande Comissão de Mateus 28:18-20. Jackson e Perkins estão corretos quando escrevem: “Nunca devemos esquecer que embora o planeta mude e passe por vários ciclos, nosso chamado é para subjugar a Terra. Como uma questão prática, isso significa que deveríamos tratar a questão de trabalhar com a natureza e a Terra como alguém abordaria a questão

de treinar um cavalo ou amansar um animal selvagem. Sabedoria, concentração, foco e mesmo força pode ser necessário para exercer nossa vontade sobre o planeta.” (210).

Nenhuma dessas coisas pode acontecer se continuarmos ensinando uma visão errônea de escatologia que alega estar próximo o fim, especialmente quando os textos usados para tal visão não a apoiam de forma alguma. ●

Grande atenção tem sido focada sobre o número de furacões que atingiram os Estados Unidos em 2005 e o tsunami que golpeou a Ásia em 2004. Muitos crêm que esses são sinais do fim, com base no relato de Lucas do sermão no Monte das Oliveiras, onde ele escreve sobre a “perplexidade pelo bramido do mar e das ondas” (21:25).



Os desastres naturais descritos por Mateus, Marcos e Lucas, comuns a todas as eras, apontavam especificamente para a vinda de Jesus em juízo sobre Jerusalém, antes daquela geração do primeiro século passar. Quando o templo foi destruído no ano 70 d.C., esses eventos deixaram de ser sinais proféticos.



Mais informações:

Gary DeMar é o Presidente da American Vision
Fonte: <http://www.americanvision.org/>
Site: www.monergismo.com



Vendo o Filho do Homem

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória” (Mateus 24:30).

Aqueles que crucificaram Jesus viveram no primeiro século. Isso ajuda a explicar Apocalipse 1:7, onde a mesma expressão é usada. Aqueles que o “veriam” eram aqueles que “o transpassaram” (cf. João 19:7). João está nos dizendo que aqueles que crucificaram Jesus experimentaram sua ira pactual. Apocalipse 1:7 deve referir-se a um cumprimento pré-70 d.C, antes daquela geração passar (Mt. 16:27-28; 24:34). O comentarista do século dezoove James Glasgow explica isso da seguinte maneira:

“Todo olho o verá, até quantos o transpassaram” – O assunto do texto é “o povo da nação”, a saber, Judéia; e seria uma má interpretação direta, bem como uma falsa lógica, ampliar um termo além do seu assunto, aplicando-o ao julgamento final de

tudo. Que todos os homens o verão, aprendemos a partir de outras passagens [2 Co. v. 10]; mas devemos lidar fielmente com o texto, e não forçar qualquer palavra para estabelecer um caso.

A verdade nunca requer isso. Que a nação da Judéia, no sentido profético, é o assunto, fica evidente a partir de Zacarias xii.10; de onde as palavras são toma[da]s, tanto aqui como em João xix.37.

“Quantos o transpassaram” são obviamente aqueles que tiveram participação em sua morte. O texto declara que eles o veriam, empregando para “ver” o verbo optomai, já observado, como não limitado ao ver ocular. Embora aqueles que o transpassaram não tenham visto sua pessoa após sua ascensão, todavia, viram seu poder trazendo julgamento sobre eles, e fazendo Sua causa prevalecer a despeito da perseguição deles, e eles rapidamente viram o seu próprio reino exterminado.² ▶

“Todo olho o verá, até quantos o transpassaram” – O assunto do texto é “o povo da nação”, a saber, Judéia; e seria uma má interpretação direta, bem como uma falsa lógica, ampliar um termo além do seu assunto, aplicando-o ao julgamento final de tudo. Que todos os homens o verão, aprendemos a partir de outras passagens [2 Co. v. 10]; mas devemos lidar fielmente com o texto, e não forçar qualquer palavra para estabelecer um caso.

Igualar “ver” com “entendimento” é uma metáfora bíblica comum. Em João 12:40, Jesus cita Isaías 6:10 para explicar o porquê alguns não tinham crido em Sua mensagem. Note como “ver” é equivalente a “entendimento”: Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo (Isaías 6:10).³

Ao citar Isaías, Jesus declara que Jeová “ceguei-lhes os olhos” (João 12:40). Essa não é uma cegueira física. A cegueira é espiritual. Ser cego é não entender; ver é entender e crer. “Abrir os seus olhos” é uma expressão usada por escritores bíblicos para descrever reconhecimento e entendimento (Atos 26:18; cf. 1 Reis 8:29, 52; 2 Reis 2:16; 6:20; 19:16; Isaías 35:5; 42:7, 16). Os olhos dos discípulos “foram abertos” por Jesus e “eles o reconheceram” (Lucas 24:31) é outro exemplo de igualar “ver” com “entendimento”. David Chilton resume o texto para nós: “Os crucificadores O veriam vindo em julgamento – isto é, eles entenderiam que Sua vinda significaria ira sobre a nação (cf. o uso da palavra ver em Marcos 1:44; Lucas 17:22; João 3:36; Romanos 15:21).”⁴ ●

... “ver” com “entendimento” é uma metáfora bíblica comum.

Mais informações:

Fonte: Last Day Madness,

Gary DeMar, p. 168-169.

1. E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2007.

2. James Glasgow, *The Apocalypse Translated and Expounded* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1872), 126-27.

3. Em João 12:40, lemos: “Ceguei-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados”.

4 David Chilton, *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation* (Tyler, TX: Dominion Press, 1987), 66.

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!



Haverá um arrebatamento secreto? O anticristo enganará o mundo dizendo que os discos voadores sequestraram os cristãos? Haverá sete anos de Tribulação? A Grande Tribulação já aconteceu e foi um evento local? Cristo estabelecerá seu reino na Jerusalém terrestre? Quem é a Besta? A marca da Besta é um chip eletrônico? A Globalização é a preparação para o reino do anticristo? Quem é o anticristo? Quem é o homem da iniquidade? Os apóstolos esperavam a Vinda de Cristo para a época deles? O Sol realmente escurecerá? O que significa Jesus vir nas nuvens?

Essas e outras questões são respondidas na presente obra de maneira simples e objetiva. Aqui o leitor encontrará argumentos seguros de como se precaver contra as ficções e fantasias que têm sido inventadas a respeito da Segunda Vinda de Cristo. Por causa de tais invenções, muitos cristãos não estão usando mais a Bíblia como seu guia e referência nesse assunto. Esta obra é o resultado de uma compilação de vários autores.

Disponível no site:
www.revistacrista.org

Reflexão Escatológica

Por César Francisco Raymundo*

Desde o ano de 1989 - que foi o ano em que comecei a ler e estudar a Bíblia – eu sempre fiz uma leitura superficial de Mateus 24.1 a 46 e Lucas 21.5 a 36. Porque? Porque sempre que lia essas passagens, lia com a mente pré-condicionada de que tudo ali estava falando a respeito do fim do mundo e também lia superficialmente. Por fim, quando comecei a frequentar às igrejas, abracei o chamado dispensacionalismo*, sem questioná-lo. Em tempos recentes, comecei a ler Mateus 24 e Lucas 21 com muita calma, respeitando o texto e a gramática da língua portuguesa, e assim, o texto ficou mais claro do que nunca, após 20 anos em que conheci a Bíblia. Mateus e Lucas, estão na verdade falando sobre a destruição do Templo de Jerusalém que ocorreu em 70 d.C.

A Grande Tribulação descrita ali aconteceu quando o Templo e Jerusalém foram cercados pelo exército romano no ano 70 d.C. Essa Grande Tribulação sofrida pelo povo judeu, foi o castigo por todo o sangue justo derramado, desde Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que mataram entre o santuário e o altar (Mateus 23.35). Os judeus daquela época foram castigados também por rejeitarem a Cristo, quando disseram: "E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!" (Mateus 27.25)

Por tudo isto, eles sofreram Grande Tribulação da qual nunca houve desde o princípio da criação de Deus e nunca mais haverá outra. Eles sofreram mais que qualquer outro povo. Nem mesmo o holocausto nazista fez o povo judeu sofrer tanto como foi em Jerusalém no ano 70 d.C.

E minhas análises não pararam por aí. O "homem da iniquidade" descrito por Paulo em 2ª Tessalonicenses apareceu no primeiro século d.C. Esse homem era provavelmente a Besta do Apocalipse 13, possivelmente era Nero César e 666 ou 616 era o número do seu nome. O "homem da iniquidade" também pode ser uma referência a vários falsos profetas assim como a expressão "homem de Deus" (no singular) pode referir-se a

todos os homens de Deus. Seja o que for, o fato é, que o homem da iniquidade estava muito vivo naquela época mesmo.

Outro exemplo é quando João fala sobre o Anticristo em uma de suas cartas. Ele não estava falando de um líder mundial vindouro, mas estava falando de um espírito, uma idéia, que é na verdade muitas pessoas que se fazem a si mesmas anticristos. Portanto, para reflexão até o momento, concluo que:

1. A Grande Tribulação aconteceu em Jerusalém no ano 70 d.C.
2. Os terremotos, as fomes, as perseguições, as epidemias, as guerras tiveram o seu cumprimento exato antes da queda de Jerusalém no ano 70 d.C.
3. A "geração" que estava viva no tempo de Jesus, não passou até que Jerusalém e o Templo tivessem sido destruídos.
4. O Anticristo, a Besta, estavam vivos no primeiro século.
5. Já estamos vivendo e reinando com Cristo no Milênio, mas este é um período simbólico conforme descrito em Apocalipse.
6. Quando o mundo todo estiver cristianizado, o Senhor virá. Num evento único haverá a sua Segunda Vinda com poder e grande glória. Nesse evento haverá o arrebatamento dos santos e a ressurreição de justos e injustos. Tudo isto num único Evento/Dia.

Gente, essa é a minha percepção dos textos bíblicos. É claro, ainda estou estudando o assunto. O texto bíblico é muito simples, simples demais e o problema é que os dispensacionalistas* complicaram muito, e assim criaram um roteiro para a segunda Vinda de Cristo.

Por favor, não acreditem somente no que escrevi até aqui e nem interpretem a Volta de Cristo através das notícias de jornais. As minhas palavras não são às Palavras de Deus. Quero sim, que vocês levem a sério a Palavra e assim como eu, passem a rever conceitos que muitas vezes recebemos sem uma análise criteriosa.



Sejamos como os crentes Bereanos: *“Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim”*. (Atos 17.11 - o grifo é meu)●

Nota: * Dispensacionalismo - O dispensacionalismo é uma doutrina escatológica que afirma que a Segunda vinda de

Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra.

* César Francisco Raymundo é editor da Revista Cristã Última Chamada.

Contato: ultimachamada@bol.com.br

www.revistacrista.org

Mais de 100 Artigos sobre Escatologia!

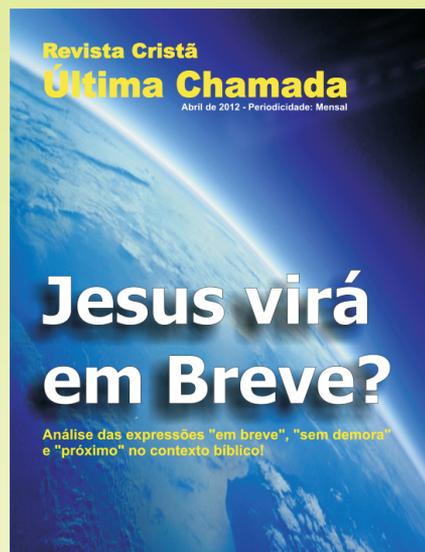
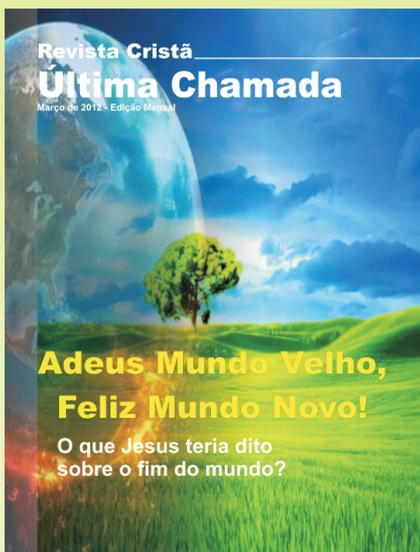
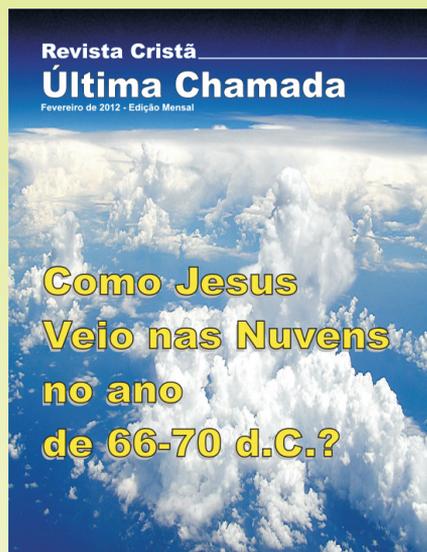
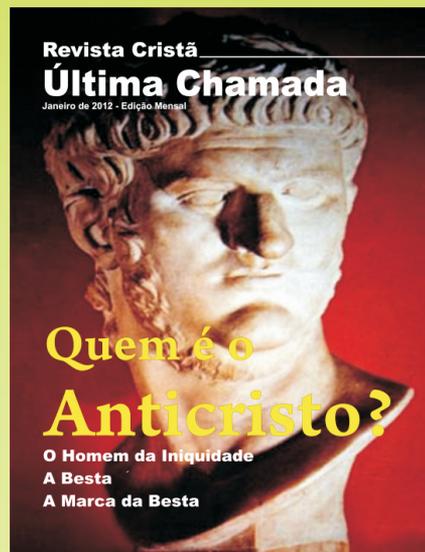
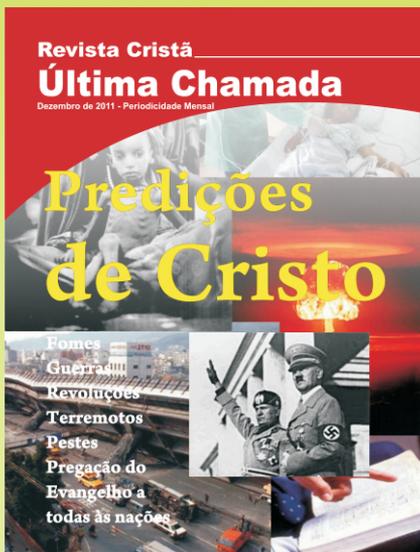


Amilenismo
Anticristo
Apocalipse
Armagedom
Arrebatamento
Babilônia
Dispensacionalismo
Fim do Mundo
Geração, Última
Grande Tribulação
Israel
Milênio,
Preterismo
Pré-Milenismo
Pós-Milenismo
Profecia
Reino
Reino de Deus
Reino dos Céus
Reino de Cristo
Reflexões Escatológicas
Ressurreição
Segunda Vinda de Cristo
Templo

Acesse:
www.revistacrista.org

Revistas On-line

Download Gratuito



www.revistacrista.org